



**fema**

**Fundação Educacional do Município de Assis  
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis  
Campus "José Santilli Sobrinho"**

**BRUNO VALENTIM PINTO**

**A CRISE E SEUS REFLEXOS NA ECONOMIA**

**Assis/SP  
2019**



**Fundação Educacional do Município de Assis  
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis  
Campus "José Santilli Sobrinho"**

**BRUNO VALENTIM PINTO**

**A CRISE E SEUS REFLEXOS NA ECONOMIA**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Administração do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA e a Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA, como requisito parcial à obtenção do Certificado de Conclusão.

**Orientando (a):** Bruno Valentim Pinto

**Orientador (a):** Prof. Marcelo Manfio

**Assis/SP  
2019**

#### FICHA CATALOGRÁFICA

P659e PINTO, Bruno Valentim.  
A CRISE E SEUS REFLEXOS NA ECONOMIA / Bruno Valentim Pinto. – Assis,  
2019.

32p.

Trabalho de conclusão do curso (Administração). – Fundação Educacional  
do Município de Assis-FEMA

Orientador: Prof. Marcelo Manfio

1. Crise 2. Oportunidades. 3. Consequências

CDD 658.15

# REFLEXOS DA CRISE NA ECONOMIA

BRUNO VALENTIM PINTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, como requisito do Curso de Graduação, avaliado pela seguinte comissão examinadora:

**Orientador:** \_\_\_\_\_  
Prof. Marcelo Manfio

**Examinador:** \_\_\_\_\_  
Prof. Ms. Isaías Augusto

Assis/SP  
2019

## **RESUMO**

Esse trabalho tem como objetivo apontar os problemas que a crise traz para economia e analisar como elas acontecem. Dessa forma descrevendo a importância das crises e traçando um paralelo para mostrar o comportamento do mercado e as diferenças em relação com às causas, consequências, e as oportunidades provocadas pela crise. Para elaboração deste trabalho foram realizadas pesquisas em livros, jornais e internet sobre o histórico das crises.

Palavras-chave: Crise, Oportunidades, Consequências.

## **ABSTRACT**

This work aims to point out the problems that the crisis brings to the economy and analyze how they happen. Thus describing the importance of crises and tracing a parallel to show the behavior of the market and the differences in relation to the causes, consequences, and opportunities provoked by the crisis. To elaborate this work, research was conducted in books, newspapers and the internet on the history of crises.

Keywords: Crisis, Opportunities, Consequences.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FMI - Fundo Monetário Internacional

MBA - Master in Business Administration

PIB – Produto Interno Bruto

RH - Recursos Humanos

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

TI - Tecnologia da informação

SEC - Comissão de títulos e cambio dos Estados Unidos

FED - Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2. CRONOLOGIA DAS CRISES</b> .....	<b>9</b>
<b>3. EXEMPLOS DE CRISE E SEUS EFEITOS</b> .....	<b>13</b>
3.1. OS LOUCOS ANOS 20 .....	13
3.2. SEGUNDA GUERRA MUNDIAL .....	15
3.3. GREVE DOS CAMINHONEIROS .....	15
3.4. CRISE DE 2008 .....	18
<b>4. ESTÍMULOS DE CRÉDITO GERAM CRISES</b> .....	<b>20</b>
<b>5. OPORTUNIDADES DA CRISE</b> .....	<b>23</b>
5.1. MARCO STEFANINI .....	25
5.2. JORGE PAULO LEMANN .....	26
<b>6. MERCADOS QUE MAIS CRESCEM NA CRISE</b> .....	<b>27</b>
6.1. MANUTENÇÃO DOMÉSTICA E REFORMAS.....	27
6.2. CONSERTOS E REPAROS DE ROUPAS E SAPATOS .....	27
6.3. BRECHÓS FÍSICOS E ONLINE .....	28
6.4. SEGMENTOS DE BEBIDAS .....	28
6.5. MARKETING DIGITAL .....	29
6.6. BELEZA E ESTÉTICA.....	29
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>32</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo principal definir conceitualmente crise econômica e seus ciclos, como ela afeta a vida dos empresários, como objetivo específico, fazer um levantamento das principais crises, conseguindo dessa forma identificar as ações e os reflexos causados pela crise.

Na atualmente, o Brasil vive uma crise econômica carregada, o que vem concebendo inúmeras reações por parte do mercado empresarial do país, isso significa que as organizações empresariais estão passando por um período de reposicionamento estratégico para continuar os negócios, visando um cenário futuro positivo mesmo passando por diversas crises. O termo crise possui uma definição ampla, podendo designar uma situação extrema e grave, como também uma conjuntura perigosa.

Dessa forma as empresas não podem ignorar o mundo exterior, pois, esse campo sempre repercute direta ou indiretamente nas organizações. O gestor ou os grandes capitães empresariais carregam decisões importantes. Sendo necessário estar atento há essas questões fora da empresa, como expansão econômica, efeitos da inflação, comportamento dos preços em determinados segmentos de mercado, quais os motivos da oscilação dos preços, custos da mão-de-obra e progresso tecnológico. É fundamental ter conhecimento jurídico, especificamente a tributação e também na balança comercial da qual esses fatores em cenário macroeconômico podem provocar mutações dentro da empresa. A importância do planejamento estratégico ou de sábias decisões é crucial para dar seguimento no negócio da organização. Às vezes o empresário encontra dificuldades, mas manter a riqueza requer até mesmo mudar de ramo. Hoje é de suma importância ficar inteirado com o passado, e conhecer as decisões de alguns empresários bem-sucedidos. De fato, com a complexidade do mercado financeiro e principalmente as instabilidades econômicas ao redor do mundo, que é o principal causador das grandes crises, é quase impossível sobreviver no mercado. É necessário aprender com grandes capitães empresariais, como eles passaram por essas dificuldades, e obtiveram sucesso ou conseguiram obter um bom proveito da situação. Por outro lado, também é importante analisar os casos e decisões que levaram a falência.

## 2. CRONOLOGIA DAS CRISES

Sabe-se que o mundo, passa por muitas crises, e a quase todo ano todos os países sofrem por causa disso. Crises de proporção global tem se tornado cada vez mais frequente. Crise econômica, recessão, depressão, desemprego, PIB. Você com certeza já teve dúvidas sobre esses conceitos tão comuns quando se fala em economia, não é mesmo? Mas afinal, o que é uma crise na economia? Por que de tempos em tempos ouvimos falar sobre isso? Vejamos as principais:

**1921:** O governo decidiu expandir a base monetária e basicamente o Dólar caiu para quase Metade e o Desemprego disparou para cerca do Dobro. Tudo isto enquanto os preços desceram 18% e o PIB contraiu 6,9.

**1929:** A crise econômica mundial da década de 1930 foi precipitada pela queda dos preços no mercado agrícola nos EUA em 1928. eclodiu em 29 de outubro de 1929 quando, após três meses de quedas consecutivas da produção e dos preços, foram vendidas de forma desesperada 16 milhões de ações das pessoas que possuíam, o que afundou a Bolsa de Nova York. Depois do desastre de 1929, foi modificada a legislação básica da bolsa. Uma das leis fundamentais adotadas foi a lei do mercado de valores mobiliários (1934), que acabou por criar a Comissão de Valores Mobiliários (SEC), órgão encarregado de supervisionar os mercados no país. Entre os objetivos da SEC estão a facilitar informações ao público sobre os papéis e as empresas a serem contratados e garantir que abusos não sejam cometidos no pregão.

**1971:** O fim do padrão ouro. Os gastos excessivos dos EUA no exterior e a Guerra do Vietnã fizeram com que as reservas de ouro do país se reduzissem drasticamente. Com isso, o valor da moeda deixou de estar respaldado pelo metal. Por isso, e em meio a fortes especulações e fugas de capitais dos EUA, o então presidente Richard Nixon decidiu suspender a convertibilidade com o ouro e desvalorizou a moeda em 10%, algo que fez sem consultar os outros membros do Sistema Monetário Internacional. Dois anos depois, voltou a desvalorizar a moeda, colocando fim ao padrão-ouro. Começava a época do câmbio flutuante em função da evolução dos mercados de capital internacionais.

**1973:** O embargo do petróleo no conflito árabe-israelense. O corte de provisão dos Estados que compõem a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) na chamada

primeira crise do petróleo, durante a Guerra do Yom Kippur, provocou o aumento de US\$ 2,50 a US\$ 11,50 na commodity em 1974. Isso elevou a fatura energética do Ocidente e gerou uma forte crise nos países mais industrializados. A partir dessa crise de preços, os países ocidentais dão início a políticas de diversificação e de economia de energia. Entre outras iniciativas de proteção, a Agência Internacional de Energia (AIE) é criada.

**1979:** A Revolução Iraniana. A derrocada do xá Mohammad Reza Pahlevi e a instauração da República Islâmica do Irã provocaram a segunda crise do petróleo, um novo colapso internacional. Embora as economias dos países ocidentais estivessem mais preparadas, já que haviam reduzido o consumo de petróleo, a queda na oferta provocou um longo período de preços extraordinariamente altos. A crise afetou, sobretudo, os países em vias de desenvolvimento que, junto com o aumento de preço que tinham de pagar pela commodity e a inflação, tiveram que enfrentar um ciclo de crise financeira pela elevada dívida.

**1987:** Em 19 de outubro de 1987, milhões de investidores se lançaram em massa a vender suas ações na Bolsa de Nova York devido à crença generalizada de gestão inadequada de informações confidenciais e à aquisição de empresas com dinheiro procedente de créditos. O Dow Jones caiu 508 pontos, somando 22,6% de baixa em um único pregão, superando os sucessivos recuos que provocaram a Grande Depressão e arrastando bolsas europeias e asiáticas. Isso trouxe como consequência uma intensificação da coordenação monetária internacional e dos principais assuntos econômicos.

**1994:** A crise do peso mexicano. Incapaz de manter a taxa de câmbio fixo em relação ao dólar, o Governo do México anunciou a desvalorização da moeda nacional. A falta de confiança na economia mexicana desencadeou uma grande saída de capital. Os créditos cessaram, a produção diminuiu e o desemprego aumentou mais de 60%. As consequências negativas sobre o resto da América Latina são batizadas de Efeito Tequila.

**1997:** A crise dos Gigantes Asiáticos. Em julho a moeda tailandesa se desvalorizou. Logo depois caíram as de Malásia, Indonésia e Filipinas, repercutindo também em Taiwan, Hong Kong e Coréia do Sul. O efeito desses recuos arrastou as outras economias da região, convertendo-se posteriormente na primeira crise em escala global. O FMI elaborou uma série de pacotes de resgate para salvar as economias mais atingidas e promoveu várias reformas estruturais.

**1998:** A crise do rublo. O sistema bancário da Rússia entrou em colapso, com uma suspensão parcial de pagamentos internacionais, a desvalorização da moeda e o

congelamento de depósitos em divisa estrangeira. O FMI concedeu vários créditos multimilionários para evitar a queda livre do rublo e que os danos fossem irreparáveis no mercado internacional.

**2001-2002:** A crise argentina. O Governo não possuía fundos para manter a paridade fixa do peso ante o dólar e, perante a saída de capitais, impôs restrições à retirada de depósitos bancários, uma medida conhecida como Corralito. Em dezembro de 2001, Buenos Aires suspendeu o pagamento da dívida, de quase US\$ 100 bilhões. Em janeiro de 2002, o presidente Eduardo Duhalde se viu obrigado a terminar com a paridade e transformou em pesos os depósitos bancários em dólares.

**2008:** A Grande Recessão. Os EUA sofreram a maior crise financeira desde os anos 1930, consequência de um relaxamento na avaliação do risco. O mau momento contagiou o resto do mundo. O detonador foi a explosão de uma enorme bolha imobiliária, que revelou que os bancos tinham estendido hipotecas lixo (suprime) a pessoas sem condições de pagá-las, com a expectativa de que o preço dos imóveis seguisse subindo. As hipotecas foram transformadas em títulos e vendidas nos mercados, o que gerou centenas de bilhões de dólares de prejuízo aos investidores. O presidente George W. Bush criou um programa de resgate financeiro de US\$ 700 bilhões. Ele e seu sucessor, Barack Obama, usaram o dinheiro para resgatar bancos, seguradoras e montadoras. Obama impulsionou também um plano de estímulo de US\$ 787 bilhões para revitalizar a economia, com investimentos especialmente em construções e educação, ajudas aos desempregados e subsídios às energias alternativas. Ao mesmo tempo, Obama promoveu a maior reforma financeira desde os anos 1930 em nível nacional, complementada com uma iniciativa para endurecer as normas bancárias internacionalmente.

**2009-2010:** A crise da dívida na Europa. O novo Governo da Grécia reconhece que o déficit do país é muito superior ao revelado anteriormente, o que altera o interesse nos mercados por seus bônus. União Europeia (UE) e FMI negociam durante meses um programa de ajuda, enquanto os investidores continuam castigando a Grécia. E, em maio, finalmente aprovam um plano de resgate dotado de 110 bilhões de euros (US\$ 140 bilhões) para os próximos três anos. Então, os mercados já começam a duvidar da capacidade de outros países europeus de pagar sua dívida. O contágio da ansiedade afeta em particular Portugal, Espanha, Irlanda e Itália, e afunda o valor do euro. A UE age e anuncia, ainda em maio, que mobilizará 750 bilhões de euros para apoiar a dívida de qualquer país da zona de

moeda única. O Banco Central Europeu (BCE) inicia a compra de bônus soberanos dos países-membros

Segundo dados do Sebrae, nos estudos técnicos quantitativos dos economistas e outros analistas, a crise representa principalmente escassez de recursos, menos investimentos, menos produção, queda do número de empregos, redução do consumo, aumento dos juros da dívida pública. Fato é que todos sofremos com crises.

### 3. EXEMPLOS DE CRISE E SEUS EFEITOS

#### 3.1. OS LOUCOS ANOS 20

Durante o período de 1920 até 1929 ocorreu muitos altos e baixos, e vários tipos de políticas econômicas que contradizem políticas anteriores colocadas em prática pelo mesmo governo. Em 1921 teve uma crise na qual não é comentada, e a também muito poucos dados falando sobre esse período onde houve uma crise, que será importante para fazer uma análise conjunta com a de 1929. Fazendo o comparativo dessas duas crises ficará mais claro o que aconteceu, e assim poder fazer uma análise e realizar previsões para serem utilizadas de forma estratégica dentro do empreendedorismo. A profunda crise de 1921 o desemprego saltou de 5 para 12%, os preços desabaram 10% e a economia contraiu em 17%.

Segundo Roque (2017):

“Com o crédito mais caro, os especuladores começaram a ter dificuldades em auferir lucros em suas ações. Pegar dinheiro emprestado para comprar ações (um processo conhecido como "alavancagem") tornou-se 43% mais caro em 5 meses. Com menos empréstimos sendo tomados, a quantidade de dinheiro na economia parou de aumentar. Com essa interrupção no crescimento da quantidade de dinheiro na economia, a própria atividade especulativa perdeu a potência. Os preços das ações pararam de subir.”

O empreendedor deve se atentar quando tiver uma alta oferta de empréstimos no mercado, principalmente aqueles que tem investimento em fundos e no mercado de ações. E o que o presidente do Estados Unidos da América Warren G. Harding fez na época para reverter? O governo liderado por ele permitiu que a economia caminhasse livremente, permitiu que os salários caíssem, assim acompanhando os preços do mercado, e facilitou que as indústrias se estabilizassem rápido. E um fator importante no qual ele foi intervencionista foi quando ele cortou os gastos americanos e abaixou o imposto de renda. É importante fazer uma análise nesse ponto, por que deve se ficar atento e não se animar ao ver cortes de imposto, pois, temos que ver se também foram feitos cortes de gastos, por que não adianta fazer corte de taxas e impostos, mas o governo continua gastando o mesmo valor.

A conta não bate. Então ele também cortou os gastos de governo em incríveis 50%. Essa liberdade econômica fez com que essa depressão de 1921 em fosse superada já em 1923.

Percebe-se que esses detalhes preocupam muito cidadãos e empreendedores, mas é por falta de conhecimento. Deixar a economia correr livremente, mesmo que deixe um cenário temeroso, na verdade é bom. O grande vilão das indústrias são as crises elas são geradas ou agravadas com a intervenção do estado assim um impacto maior e duradoura. Um dos maiores exemplos é a crise 1929 que é repassada como uma crise inerente do capitalismo. Mas será mesmo que é uma falha do sistema? Fato é que o EUA causou a crise de 1929 e para concertar a crise piorou tudo.

Segundo Roque (2017):

“No dia 29 de outubro de 1929, já com praticamente toda a atividade especulativa paralisada, a bolsa de valores americana desabou 12% em um único dia. Esse fenômeno, que ficou conhecido como a "terça-feira negra", é do conhecimento de todos. Mas o que não é muito bem conhecido é o que realmente precipitou essa correção tão súbita e tão substantiva.”

O artigo publicado pelo instituto Mises Brasil, por Leandro Roque mostra que na década de 1920 o FED, que é o banco central americano decidiu intervir na economia americana através dos juros. Primeiro que o FED (Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos) decidiu expandir a base monetária do país, assim aumentou o mercado especulativo. Foi uma das principais causas da crise, pois, houve uma queda de 42% nas taxas de juros, e com essa continua criação de dinheiro que o FED concedia ao banco, permitia que fornecem empréstimos altos e barato para os consumidores, que em logo em seguida investiam em ações. E foi assim até em 1928 quando o FED assustado com toda aquela situação do mercado tão especulativo resolveu mudar sua postura e começou a subir os juros, e chegou a elevar em 43%. Com este aumento os acionistas não conseguiam vender suas ações e aferirem lucro, e o que também acarretou no esfriamento da economia, pois, com a expansão monetária houve um dinheiro ocioso que não estava mais sendo utilizado no mercado.

### 3.2. SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A Segunda Guerra Mundial é um marco incontestado na historiografia internacional. Mas após o fim da guerra, deixou muitas marcas na economia.

O desemprego caminhou nos principais países industrializados: 11 milhões nos Estados Unidos, 6 milhões na Alemanha, 2,5 milhões na Inglaterra e um número um pouco superior na França. Se forem contados os dependentes, estima-se que o fato provocou aflição e desemprego a mais de 70 milhões de pessoas. Como a economia já estava suficientemente internacionalizada (com exceção da URSS, que se lançava nos Planos Quinquenais), todos os Continentes foram atingidos, aumentando ainda mais a miséria e o desemprego. A América Latina, por exemplo, teve que reduzir em 40% as importações e sofreu uma queda de 17% nas exportações. É nesse contexto caótico que a Alemanha, no Ocidente, e o Japão, no Oriente, vão tentar explorar o debilitamento dos rivais. Uma nova luta por mercados e novas fontes de matérias-primas levaria o mundo à Segunda Guerra Mundial.

### 3.3. GREVE DOS CAMINHONEIROS

A greve dos caminhoneiros gerou um impacto muito grande na economia e também no aspecto social do Brasil. A greve foi gerada pela alta nos preços do diesel. O protesto coloca em questão a política de preços da Petrobrás. Limitações logística do transporte no Brasil também ajudam a entender a crise dos combustíveis. O Fato é que o Brasil é muito deficitário no setor logístico, tanto é que ficamos à mercê do modal rodoviário e acabou gerando uma grande crise momentânea no país. É de suma importância obter outros modais de transportes, para não ficarmos refém de um monopólio rodoviário por conta de regulamentações do governo e interesse político.

Segundo Roque (2015):

“Trata-se de um perfeito exemplo prático daquilo que a teoria econômica sempre enfatiza: estímulos e benefícios artificiais geram efeitos aparentemente benéficos no curto prazo, mas cobram um preço caro no longo prazo.”

A greve dos caminhoneiros tem vários motivos, mas falaremos especificamente de uma, no qual foi uma decisão de 2009 que impactou agora. Em 2009 o BNDS entrou subsidiando os preços dos caminhões em 100% com juro de 7% ao mês, para fomentar a economia brasileira, já que tínhamos acabado de passar por uma crise entre 2007 e 2008, com intuito de renovar a frota dos caminhões. Mesmo pela ótica estatística na qual nunca deu certo, e a mesma foi já refutada pela escola austríaca a muito tempo e em especial o economista da escola austríaca Ludwig Von Mises, decidiram fomentar o mercado de caminhões sendo que poderiam desenvolver em outros meios logísticos, como por exemplo o Trem. Por fim o que aconteceu, deu bolha de caminhão, o mercado ficou inflacionado por vários caminhões e vários prestadores de serviços e pouca demanda de mercado para utilização do mesmo.

Os caminhoneiros decidiram fazer a greve por que o preço do diesel subiu e o preço do frete não. Mas por que o preço do frete não subiu? Simples, o excesso de ofertas de serviço nesse seguimento no mercado, por conta daquela decisão aplicada em 2009. O excesso de ofertas dos caminhoneiros acaba que deixando alguns caminheiros no prejuízo. Está aí outra estratégia estatal que acabou acarretando vários problemas no Brasil. Pessoas que estão se endividando por que não conseguem pagar os empréstimos, e entram em desesperos, pois, a única renda é proveniente do caminhão. Por isso o mercado não se deve ter regulamentação, as políticas econômicas devem ser livres, o próprio mercado sabe se regular, pois, em uma demanda de mercado livre o os empreendedores iriam fazer investimentos no que o povo estiver precisando, no caso a logística está necessitando de um meio mais barato e rentável, que poderia ser o trem então com a demanda os investidores privados conseguiram montar uma infraestrutura para avançar nesse seguimento de serviço. O mercado se regula e se adapta sozinho a demanda de mercado sem fomentos estatais. E não que esse seja o único motivo tem a política de preço que a Petrobrás também toma, que também é estatal e influencia na greve, mas quero ilustrar como uma decisão lá atrás influenciou agora. Vejamos que também segregou pessoas, e reivindicando privilégios para eles. O certo seria uma greve para diminuição do estado, cortes estatais, livre mercado, mas ninguém fez isso, e a nação brasileira saiu prejudicada por conta de um erro estratégico logístico do governo. Entrando no mérito e da importância da logística para o país é não ficar refém de um meio só logístico, para que haja mais competição, assim o cliente podendo usufruir de um melhor preço e as empresas também poderem adotar estratégias. Quantas empresas que deixaram de faturar nesse período por

que ficaram refém das estradas. Um trem pode transportar a carga de até 220 caminhões. Um único vagão de metrô tem capacidade para 250 passageiros. Para levar esse mesmo número de pessoas, seriam necessários três ônibus ou 50 carros em um trânsito geralmente carregado. A capacidade é, sem dúvida, a vantagem mais visível do transporte sobre trilhos. Mas ele também é mais seguro, barato e polui menos. Por isso, o investimento no setor é visto como um dos principais caminhos para transformar o país, seja no escoamento dos produtos ou na mobilidade das grandes cidades. Mas cada transporte tem suas especificações, pois, tem outros meios de transportes como o dutoviário que é utilizado para transportar gases e fluidos, os aéreos e hidroviários. Analisando em um nível macro, olha como uma decisão de logística foi para todo o Brasil. Por isso é de suma importância os empreendedores se atentar nas logísticas internas de seus empreendimentos.

### 3.4. CRISE DE 2008

Para entender as causas da crise é preciso voltar alguns anos. Em 2001 a taxa de juros básica dos Estados Unidos, fixada pelo Fed Banco Central, entra em janeiro de 2001 em 6,5 %, mas vai sendo reduzida até 1,75% ao ano, com o objetivo de estimular a economia norte-americana, que estava em recessão, ou seja, com diminuição na atividade econômica. Os juros são um percentual pago sobre os empréstimos. Quando o governo derruba a taxa de juros no Brasil, sinaliza para a redução das taxas para os bancos o que conseqüentemente induz e fomenta os consumidores a comprar mais, pois os empréstimos ficam bem mais baratos. E com essa mudança as empresas começam a produzir já que a demanda aumentou. E normalmente as taxas de juros sempre estão altas, e isso por que os governos intervencionistas acreditam que se mantiveram as taxas baixas haverá um forte movimento de compra e por parte da população e os setores produtivos não irão conseguir a demanda.

“A partir do momento em que os critérios exigidos para se conceder empréstimos imobiliários foram artificialmente relaxados por imposição do governo americano” (ROQUE, 2017).

A partir de 2001 o Banco Central dos EUA baixou os juros, justamente para estimular a economia, incentivando o consumo e a produção. Até essa época, o financiamento de imóveis nos Estados Unidos era concentrado numa camada chamada de “prime”, ou seja, pessoas de alta renda e com capacidade de quitar as prestações de imóveis. Quando os juros caíram, que pesam bastante em financiamentos de longo prazo, foram concedidos muitos empréstimos para a compra de casas a pessoas de menor poder aquisitivo conhecidos como “sub-prime”. Isso impulsionou a expansão no país da construção civil e do mercado imobiliário. Os financiamentos chegaram a ser de 30 anos. Enquanto os juros estavam baixos, entre 2001 e 2004, tudo funcionava bem. A taxa de juros nesta época ficava entre 1,75% e 1% ao ano.

Entre 2002 e 2003 os empréstimos imobiliários foram se multiplicando foram se multiplicando e a cada mês, essas operações se tornaram bastante lucrativas para bancos e empresas de crédito imobiliários. Além disso, as prestações pagas criavam fundos para os bancos emitirem e negociarem títulos no mercado financeiro, oferecendo como garantia as prestações a ser paga dos empréstimos “subprime”. Isso gerou o surgimento de uma

“bolha especulativa”: tomando como base os títulos negociados, as instituições financeiras emitem mais títulos, que são reunidos em carteiras, gerando novos títulos, e o valor total dos negócios vai sendo multiplicado várias vezes. Com a ampliação do crédito imobiliário, cresceu a procura de casas e apartamentos. Com o aumento da demanda, os imóveis valorizaram. As aplicações na construção civil também se tornaram ótimo negócio, atraindo capitais do mundo todo, movimentando mercado. Já em 2004 a economia norte americana começou a registrar sinais de inflação já que com tanto empréstimo houve uma expansão na base monetária do país, e, além disso, começou a ter muita especulação em cima do dólar.

Entre 2006 e 2007 houve o aumento da taxa de juros para 5,25% ao ano, muitos compradores não conseguiram mais pagar os empréstimos. E quando se faz um empréstimo imobiliário, a garantia é o próprio imóvel comprado. Em julho de 2007 foi quando estourou. Milhões de pessoas ficaram sem casas, construtoras ficam paralisadas, e o setor de construção investiu-se muito e várias empresas acabaram quebrando Bancos começaram a ficar sem condições de novos financiamentos empréstimos. Em 2008 as medidas tomadas pelo governo americano começa a surgir efeito. Como os investidores ficaram com medo, eles param de investir o que também causou o colapso da bolsa americana.

## 4. ESTÍMULOS DE CRÉDITO GERAM CRISES

Segundo Ron Paul nenhuma crise é inerente do capitalismo, pois, todas elas surgiram da intervenção estatal, e por isso é importante estar atento as decisões governamentais. É importante analisar empresas ligadas ao governo para que não se faça negócio. Nota-se que empresas visando privilégio buscam acordos com o governo, assim prejudicando o restante do mercado.

Segundo Higgs (2017):

“Essas "políticas governamentais" geram incertezas, penalizam as ações produtivas e subsidiam as ações destrutivas, pois pune quem quer empreender para atender aos genuínos desejos dos consumidores e subsidia quem quer empreender”.

Partindo dessa teoria que nenhuma crise é algo inerente ou natural do capitalismo, terá que haver algum evento, que no curso natural teria sofrido mutações que desencadeasse uma depressão econômica. Primeiro antes você tem que como a economia funciona e como ela enriquece, e depois como o crédito distorce isso e gera uma crise. Uma analogia supersimples seria o elástico. Você pega um elástico e vai esticando, e como ele fosse o formato da economia. E o que o crédito faz é esticar ele, quando isso acontece as análises sobre o cenário econômico é que a economia cresceu. E quando o elástico solta vai doer, e é apenas uma consequência da intervenção. E o que enriquece uma nação, uma região ou país? Não é emissão de dinheiro nem expansão da moeda, e sim é a produtividade. Nós ainda temos mesma quantidade de coisas, alimentos, commodities e consumo geral para a gente usar, mas a teve uma expansão econômica. E na verdade o que enriquece é o quanto de tempo da sua vida, do seu dia, da sua semana tem que trabalhar para se alimentar para pagar iluminação, um teto e entre outras coisas. E conforme se tem uma produtividade menor, que é produzir mais com menos tempo, ou menos recursos. E o que é isso? Uma produtividade eficiente. E como se sobe a produtividade? Com máquinas, tecnologia novos métodos, coisas que permitam que produzam mais coisas com menos tempo. Em qual momento em uma economia qualquer vai ter uma cadeia produção instalada e como ela funciona? As pessoas que estão empreendendo, falam que vão fazer pão e precisa comprar uma máquina, e existem várias de todas formas de complexidades

diferentes. Mas qual é o dinheiro que eu tenho para comprar uma agora, e o empreendedor tem um valor X para comprar uma máquina com especificações médias. Aí é feita uma análise antes da compra. A máquina vai valer o dinheiro que está sendo pago, se estiver pagando em um forno para produzir 500 não compensa, mas se for produzir 2000 neste caso já é produtivo. E como vou conseguir esse dinheiro? Economizando, o aumento de produtividade passado que eu posso pegar a redução de custo de vida e comprar uma máquina, ou se não tem às vezes o empreendedor utiliza de crédito porque ele sabe que terá uma margem da produção que ele poderá pagar o empréstimo feito junto aos juros. A gente pode quadruplicar hoje em dia em circulação. Mas alguma coisa a mais foi produzida. É importante fazer essa análise colocando lado a lado com o PIB, pois, quando se ouvir que o banco central aumentou o dinheiro em circulação tem que haver aumento de produtividade. E ponto é seguinte, se existe mais crédito, se o banco central cria mais crédito, e se existe mais crédito o que acontece, o crédito fica mais barato, os juros caem, estimulando as pessoas fazerem empréstimos. E de novo voltando ao elástico, é o dedo puxando o elástico, e aumento a produção e até por aqui tudo legal.

E qual é o problema que vai acontecer depois? E as pessoas que vão retirar esses empréstimos para gastar em suas cadeias de produção, com funcionário, matéria prima e etc. e esse dinheiro vai fluir de quem criou o crédito para quem o tomou e ir de volta para as pessoas, para todos os consumidores. Ou seja, é na onde que está o problema a cadeia produção aumenta, e teremos várias pessoas ofertando e poucas demandas, e conseqüentemente o empreendedor não consegue cumprir com suas obrigações como pagamento de empréstimos, funcionário e podendo chegar à falência.

Vejamos que pelo fato do estado colocar mais crédito disponível para a população, cria artificialmente uma falsa impressão de que o mercado está crescente. Os players do mercado (empreendedores e executivos), fazem análise de acordo e investem de acordo com a demanda de mercado, por isso acabam sendo enganados.

A ideia de criar crédito para estimular a economia é uma das piores falácias econômicas em existência. O crédito artificial nada faz além de controlar o preço dos juros por um determinado tempo, fazendo com que mais pessoas contratem crédito. Conforme o dinheiro se move pela economia a quantia economizada volta a ser a mesma e juros voltam a subir, criando uma crise econômica.

## Segundo Roque (2016):

“Apresentada ao mundo em 1912 por Ludwig von Mises, a teoria austríaca dos ciclos econômicos mostra que as crises econômicas são o resultado da intervenção estatal no mercado, principalmente no mercado de dinheiro e crédito.”

Leandro Roque apresenta publicado no dia 14 de julho de 2016, algumas soluções para este problema. A primeira é, não investir logo de cara, só por apenas ter crédito disponível no mercado. A segunda é que depois de um tempo considerável fazer análises de gráficos que mostram a evolução de vendas e o crescimento do PIB. O IBGE divulga os relatórios trimestralmente, e os gráficos de mercado diversas corretoras apresentam análise quase que todos os dias gratuitamente.

## 5. OPORTUNIDADES DA CRISE

Alguns empresários reclamam que não conseguem crescer, empreender e ter uma vida melhor por causa das crises. Ficam procurando desculpas e mais desculpas pelo fracasso, e não procuram enxergar de outra forma, para que possa sair daquela situação.

“Para ter sucesso atualmente, a lição mais importante é entender que os problemas que as pessoas nos trazem podem ser os melhores presentes que acontecem em nossa vida” (SHINYASHIKI, 2011, p.24).

As épocas de crise são momentos pertinentes para as empresas conseguirem evoluir. Essas situações estimulam a inovação para vencer os desafios e fazer a diferença diante de cenários desfavoráveis. Em casos mais críticos, as empresas necessitam repensar a sobrevivência do próprio negócio. Estimular os funcionários e colaboradores, trazer a equipe para junto de si, motivar e apostar no crescimento orgânico. É importante que o empreendedor pense por outro lado e deixe de ficar culpando situações na qual todos estão passando para justificar o fracasso, a queda de vendas, pouco lucro e redução da empresa. Pois com a crise torna-se notório situações que poderão ser modificadas para a melhoria do ramo. Apesar das adversidades, é preciso seguir em frente. Tentar fazer a diferença num momento de instabilidade, sem desistir das iniciativas previstas e do País.

O SEBRAE e vários outros institutos de pesquisas disponibilizam estatísticas sobre quais nichos de mercados crescem e quais empresas veem crescendo nesse período. Com base nesse o empreendedor pode verificar aonde há mais demanda e procurar resolver os problemas destas pessoas. Em uma das pesquisas do SEBRAE está em primeiro lugar dentre as empresas que mais crescem é a BFX. A BFX é uma empresa que presta consultoria para empresas que querem exportar seus produtos principalmente no ramo de autopeças. A empresa viu a necessidade de consultoria já que o mercado precisava de um auxílio para manter ou aumentar o rendimento dela. A ideia é de que como o mercado brasileiro não está aquecido, e as pessoas fazem uma menor aquisição de produtos, aumenta a competitividade com a alta do dólar. Como a produção para o mercado interno fica ociosa, a ideia é ocupar o espaço vazio atuando de forma mais incisiva no mercado externo. E, além disso, conseguimos lucrar em dólar que é muito bom porque a moeda brasileira fica desvalorizada e o dólar sobre, aumentando assim o seu lucro. Alternativa que é interessante é lucrar em dólar, então sempre que possível tentar fazer negócios se

programe para ganhar em dólar e por conta da inflação da moeda nacional o rendimento será maior. Vemos que só nesse caso temos duas empresas se beneficiando diante das oportunidades. A BFX que presta consultoria e a empresa que está pagando pelo serviço, pois, ela estará exportando seu produto para o mercado internacional. As pessoas em tempos de crises também procuram se qualificar é o que aponta o Empreendedor Flávio Augusto. Ele já foi dono da Wiseup, uma empresa que fornece serviços de aprendizagem de línguas. Flávio conta que a empresa cresceu de 35% para 50%, ao ano e que também qualificou sua equipe para que seus vendedores mostrassem a importância dos serviços para os potenciais clientes, até que enxergassem o quão relevante seria para seu futuro. Em tempos de crises as regras dos jogos mudam e os empreendedores têm que se adequar. É importante lembrar que empreender é solucionar problemas, e na crise várias pessoas precisam de pessoas que estejam apostas a resolverem. Por exemplo, as taxas de desemprego em recessão econômica crescem muito. E se houvesse uma empresa de RH, que recoloca pessoas no mercado, seria um bom negócio? Claro que sim, pois, é o que muita gente precisa nesse momento. Visando que em época de crises existem mais problemas, e o empreendedor está ali para resolver problemas significa que terá mais oportunidades. Então frase que é muito clichê é mais pura verdade que muito não querem enxergar. Estar em uma posição para aproveitar uma oportunidade, ou para ficar se lamentando depende da tua forma de pensar, da sua mentalidade. Se você quer surfar na crise não basta apenas ter a convicção que vai vencer, mas correr atrás de conhecer as histórias, como ocorrem as crises, quais são hábitos mais frequentes, procurar quem já se deu bem e lucrou muito.

Outra oportunidade é como várias pessoas fazem que é arrumar uma forma de ganhar em dólar. Crie projetos em dólar, hoje você tem Youtube, tem o Google, empresas que trabalham com produções de conteúdo ganham com venda de publicidade. Além de ter uma oportunidade morar fora. E se não quiser morar fora você pode criar projetos fora do Brasil e fazer viagens frequentes. Um projeto interessante seria exportar produtos. Chega um ponto onde os produtos passaram a ficar mais barato no Brasil a ponto de ter compradores em outros países para esses produtos.

## 5.1. MARCO STEFANINI

Foi geólogo que acabou caindo na área de TI por acaso. Marco Stefanini fundou há 27 anos a Stefanini It Solutions. uma das empresas mais internacionalizadas do Brasil são mais são quase 20 mil funcionários em mais de 30 e um faturamento de bilhões de reais. Stefanini que é formado em Geologia queria, viu uma oportunidade para trabalhar nessa área. Porém quando recém-formado no início da década de 80 o Brasil a pior crise que até pegou na década de 80 e o mercado inverteu aí Stefanini teve que procurar outras oportunidades. Ele teve que procurar outro emprego e viu a chance de entrar no banco Bradesco aonde eles ofereciam um curso para capacitação da área de TI, para transformá-los em técnicos e analistas de sistemas. E foi nesse momento que Marco Stefanini viu a primeira possibilidade de empreender em meio à crise. Ele depois de formado no curso de TI ele vê a oportunidade de treinar pessoas em um ramo que era muito crescente na época e ainda é atualmente. Stefanini deu muitas aulas particulares no seu período de universitário, então ele conseguiu conciliar a oratória e didática que ele tinha. A empresa começou a crescer de fato em um momento muito difícil no Brasil. Já na década de 90 o plano Collor foi uma grande lição para a Stefanini.

Segundo Stefanini (2011, p.99):

“Com a nova divisão de serviços e a retomada do mercado o faturamento reagiu, e, no final de 1993, a Stefanini havia faturado US\$ 1 milhão. Ficou melhor ainda no ano seguinte: Chegou a US\$ 3 milhões. ”

## 5.2. JORGE PAULO LEMANN

Um dos exemplos a serem seguidos é a gestão de Jorge Paulo Lemann que já enfrentou crises e ainda assim seguiu firme, e expandindo o seu portfólio de produtos.

Segundo Lemann(2013, p.11):

“O que vocês aprenderam sobre administrar dinheiro nessa época tão incerta e inflacionária? ” A resposta: “Quando todos os outros estavam gastando seu tempo administrando o dinheiro, investimos nosso tempo na empresa. Desenvolvê-la seria a melhor forma de gerar riqueza a longo prazo. Administrar dinheiro, por si, nunca cria algo grande e duradouro, mas desenvolver algo grande pode levar a resultados substanciais. ”

Em 1971 adquiriu a corretora de valores Garantia e, assim, Jorge Paulo Lemann iniciou sua trajetória de empreendedor que veio a transformá-lo em um dos dez homens mais ricos do Brasil. Nas mãos de Lemann, o Banco Garantia foi considerado um dos mais inovadores bancos de investimentos do Brasil.

Lemann já tinha uma noção de mercado em relação ao ambiente público, e por esse fator ele conseguia prever algumas crises com a movimentação do mercado. Como por exemplo na crise imobiliária de 2008, foi ocasionada por incentivo de crédito americano. Então é necessário acompanhar as medidas que o governo estiver tomando para fazer previsões e analisar as estáticas considerando o ensinamento do passado. Lemann percebeu e conseguiu ler bem o mercado, então ele começou a investir seu dinheiro em outros mercados que eram crescentes ou mais rentáveis já que o setor financeiro estaria em crise na década de 90.

## **6. MERCADOS QUE MAIS CRESCEM NA CRISE**

### **6.1. MANUTENÇÃO DOMÉSTICA E REFORMAS**

Uma entre as primeiras indicações de negócios que resistem à crise é no setor de serviços de manutenção e reformas domésticas. Com o fim do bem imobiliário, as pessoas tendem a mudar menos de residência e com isso, as reformas domésticas serão cada vez mais comuns, o que além de sustentar esse mercado, irá criar uma demanda adicional. Nesse setor você tem duas opções. Ou monta sua própria empresa de manutenção e reformas domésticas, ou então recorre a uma franquia. Uma empresa de reparos residenciais atua em um dos mercados que mais crescem em todo o mundo, que é “a falta de tempo das pessoas”. A demanda tem se tornado cada vez maior, e empresas que muitas vezes ofereciam estes serviços de maneira informal estão identificando este mercado de atuação para formalização de um negócio. Para atender um público mais exigente, pessoas que não tem habilidades com serviços de reparos e residências cada vez mais sofisticadas, ainda poucas são as ofertas de serviços regulares e especializados, com estrutura profissional ou empresarial para oferecer soluções confiáveis, responder pela eficácia duradoura do reparo ou ainda assumir os riscos típicos desses trabalhos, como acidentes, danos a terceiros, dívidas fiscais ou trabalhistas, etc. Por esta razão uma empresa de serviços residenciais organizada e bem estruturada pode ser uma boa opção para aqueles empreendedores que buscam estabelecer um negócio de serviços técnicos num nicho de mercado que constantemente necessita de soluções desta natureza.

### **6.2. CONSERTOS E REPAROS DE ROUPAS E SAPATOS**

Este segmento de mercado resiste muito bem às crises econômicas e ainda costuma apresentar um forte crescimento durante esses períodos, afinal, em épocas de recessão e dinheiro curto, fica muito mais em conta consertar alguma coisa do que comprar uma nova. A Sapataria Farias, uma das mais famosas de Curitiba, teve o movimento aumentado, cerca de 70% ou seja os consumidores buscam concertos de trocar zíper da mochila, sola de sapato, alça de bolsa, reforçar malas que estragaram e ajustar roupas que não servem mais. Segundo Rogerio Farias proprietário da loja, comenta que não tem do que reclamar da crise, pois nesse momento o ramo de mercado dele só aumentou. Com a mudança do

comportamento do consumidor, o segmento de reparos e consertos está em alta entre quem pensa em ter o negócio próprio. Segundo a consultora do Sebrae-PR Paula Tissot, a área é atraente principalmente para quem está empreendendo por necessidade, pois não demanda muito investimento para começar. A pessoa pode atuar sozinha, como microempreendedor individual, e em casa, sem a necessidade de abrir uma loja de rua e contratar funcionários no começo do negócio. Qualidade na entrega, cumprimento dos prazos e bom atendimento são premissas básicas de quem atua no segmento de serviço. Agregar opções extras, como venda de acessórios e produtos para o objeto durar mais tempo também ajudam a manter as vendas aquecidas.

### 6.3. BRECHÓS FÍSICOS E ONLINE

Na linha dos negócios que resistem à crise por seu perfil substitutivo, os brechós são ótimas opções de negócio em tempos de vacas magras, pois além de terem se tornado uma tendência nos últimos anos, são uma opção natural para quem deseja comprar roupas, sapatos, acessórios e outros itens, a um preço mais em conta. Essa é uma idéia de negócio que pode ser montada com bem pouco dinheiro, se você optar pelo modelo de consignação, muito usado, principalmente por quem está começando. Outra forma de começar o negócio com um baixo investimento é a opção dos brechós online.

No Brasil, ainda não é tão comum para determinadas classes sociais se engajar na compra e troca de roupas usadas, mas esse movimento como um todo está ganhando força: o mercado de brechós está crescendo e a variedade em seus formatos também. Agora as variedades são muitas: lojas online com itens que seguem uma seleção cuidadosa e parecem peças de coleções novas, mas com preços bem mais amigos quando comparados aos brechós mais conceituados e lojas que misturam itens novos e usados, por exemplo.

### 6.4. SEGMENTOS DE BEBIDAS

O segmento de bebidas é outro que tende a resistir bem aos tempos de crise. O hábito, muito arraigado dos brasileiros, de se divertir em volta de uma mesa de bar, dá a esse segmento uma força extra nesses momentos difíceis. O segredo nesse caso é focar em produtos diferenciados e de menor valor agregado, como cervejas artesanais e vinhos

nacionais. É certo que alguns copos de bebida ajudam a relaxar e se divertir, mas as restrições orçamentárias, do momento de crise também se fazem presentes nesta hora.

## 6.5. MARKETING DIGITAL

Esse segmento de negócios online apresenta um incrível potencial de resistência aos tempos de crise e que na última crise, não só sobreviveu, como também saiu ainda mais forte. Parte do crescimento do Marketing Digital pode ser atribuído a própria crise, pois os empresários para sobreviver a concorrência e vender mais, procuraram novas formas de divulgação. O que impulsionou este mercado. Uma pesquisa recente da IAB Brasil, mostrou que o Marketing Digital cresceu 25,4% em 2017 se comparado com 2016. E movimentou mais de 14,8 bilhões.

## 6.6. BELEZA E ESTÉTICA

Entre os negócios que resistem à crise este talvez beleza e estética seja o de maior vigor. Mesmo com a queda da renda das pessoas, o segmento de beleza e estética, mesmo sofrendo um primeiro impacto inicial, acaba demonstrando uma força incrível e não raramente, acaba saindo ainda mais forte quando a crise é superada. Uma das características do comportamento das mulheres em tempos de crise é colocarem os gastos com beleza e estética entre os últimos lugares dos gastos a serem cortados, já que a vaidade feminina é uma forma de compensar as agruras dos tempos difíceis. Por isso, esse é um setor para se apostar na hora de montar seu próprio negócio.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade deste trabalho é mostrar os reflexos da crise na economia, sendo assim é entre outros um estudo dos aspectos sobre a história da econômica dos anos que competem de 1921 a 2010. Bem como os mercados que tiveram um aumento em épocas de crises. Por interposição do exame de dados e de uma revisão de trabalhos que trataram a questão em seus múltiplos aspectos, procurou produzir uma visão geral da economia no período, discutindo fenômenos que emergiram em decorrência da crise, relacionando-os, sempre que possível, à política econômica a eles associada.

Os efeitos encontrados indicam que houve, de fato, alguns elementos que colaboraram para amortecer os impactos da crise, entre os quais as políticas anticíclicas adotadas e o padrão de crescimento com melhoria da distribuição de renda que começou a se consolidar desde 2003. Entretanto, é de fundamental importância ressaltar, e este trabalho buscou fazê-lo, que ao contrário de crises anteriores as condições externas foram mais favoráveis, tanto do ponto de vista comercial quanto financeiro. Por um lado com o surgimento da China como importante polo econômico dotado de vontade e capacidade para sustentar elevadas taxas de crescimento, o Brasil pode se beneficiar de uma rápida recuperação no comércio internacional. Por outro, não obstante a aguda reversão dos fluxos financeiros no final de 2008, já em 2009 estes haviam retornada a seus patamares anteriores à crise. Várias são as razões para esses fatos foram aqui destacados, desde a reduzida taxa de juros e forte liquidez no mercado internacional até a postura altamente cooperativa do FED norte-americano que estendeu linhas de swaps cambiais para que vários países pudessem superar movimentos de fuga de capital no momento mais crítico da crise.

As concepções para os países emergentes, não se pode perder de vista que as circunstâncias macroeconômicas globais dos últimos anos não se farão mais presentes enquanto a economia global estiver em um longo processo de ajuste. Isso requererá dos países emergentes novos procedimentos que admitem extrair ganhos de iniciativas que dependam menos da conjuntura global e mais de esforços que implicam aumento de eficiência e produtividade. A globalização econômica obriga o Brasil a manter o sinal de alerta frente a qualquer efeito externo, pois o país não estará plenamente imune aos impactos de uma crise internacional, mesmo apresentando certa solidez econômica e aumentando a classe consumidora. Nesse aspecto, compete à equipe econômica do

governo tomar as medidas necessárias para manter a economia dentro de patamares que garantam os menores impactos frente aos acontecimentos econômicos externos.

## REFERÊNCIAS

Correa, Cristiane. **Sonho Grande: Como Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Beto Sicupira revolucionaram o capitalismo brasileiro e conquistaram o mundo**. Rio de: Editora Sextante, 2013.

Higgs, Robert. **Por que políticas de estímulos e intervenções governamentais geram recessões**. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2598>>. Acesso em: 24 fev. 2019. HOLMES,

Steven **A Fannie Mae facilita crédito para ajudar empréstimos hipotecários**. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1999/09/30/business/fannie-mae-eases-credit-to-aid-mortgage-lending.html>>. Acesso em: 22 set. 2018. Morales, Pedro Paulo.

**INDÚSTRIAS MATARAZZO: A MAIOR EMPRESA BRASILEIRA DE TODOS OS TEMPOS**. Disponível em: <<https://falandodegestao.com/2011/06/06/industrias-matarazzo-a-maior-empresa-brasileira-de-todos-os-tempos-ultima-parte/>>. Acesso em: 30 set. 2018.

ROQUE, Leandro. **Sobre a grande crise de 1929 e Grande Depressão – esclarecendo causa e consequência**. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2594>>. Acesso em: 20 set. 2018.

ROQUE, Leandro. **...E os caminhoneiro pensaram que aquilo seria bom para eles**. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2040>>. Acesso em: 02 mar. 2019.

Sebrae Nacional. **10 Negócios compartilham experiências de crescimento em meio a crise**. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/10-negocios-que-crescem-ate-na-crise,535f1951b837f510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

Shinyashiki, Roberto. **Problemas? Oba! – A revolução para você vencer no mundo dos negócios**. São Paulo: Editora Gente, 2011.

Sebrae nacional. **Estudos e pesquisas**. Disponível em <[https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/estudos\\_pesquisas/conjuntura-economicadestaque10,0a080b91762b3410VgnVCM1000003b74010aRCRD](https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/estudos_pesquisas/conjuntura-economicadestaque10,0a080b91762b3410VgnVCM1000003b74010aRCRD)>. Acesso em 28 abr. 2019.

Sebrae Nacional. **Panorama Sebrae**. Disponível em <[https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Panorama-Sebrae\\_052018.pdf](https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Panorama-Sebrae_052018.pdf)> Acesso em 28 abr. 2019.

ROQUE, Leandro. **Sobre a crise de 1929 e a Grande Depressão - esclarecendo causa e consequência**. Disponível em: < <https://www.mises.org.br/ArticlePrint.aspx?id=2594>>. Acesso em: 02 mar. 2019.

Nort, Gary. **A recuperação mundial e a bolha imobiliária da China**. Disponível em <<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=699>> Acesso em 02 mar. 2019.

Roque, Leandro. **Como ocorreu a crise financeira americana**. Disponível em <<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1696>> Acesso em 05 mar. 2019.

Higgs, Robert. **Por que políticas de estímulos e intervenções governamentais geram recessões**. Disponível em <<https://mises.org.br/ArticlePrint.aspx?id=2598>> Acesso em 07 mar. 2019.